

au

ARQUITETURA & URBANISMO

WWW.PINIWEB.COM

MUSEU RODIN, SALVADOR, BRASIL ARQUITETURA

- BRASIL: ESCOLA ESTADUAL JARDIM
DOM ANGÉLICO II, SÃO PAULO,
PEDRO MENDES DA ROCHA
- INTERNACIONAL: CASA OCHO AL CUBO,
CHILE, MATHIAS KLOTZ

- ENTREVISTA: AZIZ AB'SÁBER
- TECNOLOGIA & MATERIAIS:
LOJAS E MEGASTORES
- ÍNDICE HISTÓRICO: 150 EDIÇÕES DE AU
- DOCUMENTO: MARIO ROBERTO ALVAREZ



9 770102 897006

RESTAURADO, O PRINCIPAL EXEMPLAR DO ECLÉTICO DE SALVADOR ABRIGARÁ A PRIMEIRA FILIAL DO MUSEU RODIN. UM EDIFÍCIO ANEXO MODERNISTA DE GRANDE FLEXIBILIDADE RECEBERÁ EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS **POR MAURÍCIO HORTA FOTOS MARCELO SCANDAROLI**

ARQUITETURA DA CONVIVÊNCIA





O palacete Comendador Catharino, construído entre o final do século 19 e o início do 20 em estilo eclético, foi o escolhido para abrigar o acervo destinado à filial brasileira do Museu Rodin. Na página ao lado, vista do anexo, onde serão realizadas exposições temporárias

Por que construir na Bahia? Marcelo Ferraz já se acostumou com a pergunta ao apresentar o projeto do Museu Rodin. Para responder, usa outra pergunta – "por que não na Bahia?". Emanuel Araújo, ex-diretor da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte da Bahia, já trouxera duas exposições de Rodin para São Paulo, mas seu maior sucesso foi em Salvador. Impressionados com a receptividade, ele e Jacques Vilain, diretor do museu do escultor em Paris, propuseram organizar em uma filial baiana parte do acervo guardada no depósito parisiense. 62 matrizes em gesso serão permanentemente expostas em um casarão de 1,5 mil m², e cinco esculturas em bronze, compradas pelo governo da Bahia, ocuparão seu jardim. Um novo anexo para exposições temporárias já está pronto e o museu deverá ser inaugurado entre novembro e dezembro deste ano.

O edifício escolhido para abrigar os gessos foi o palacete Comendador Catharino, na rua da Graça, próxima ao Corredor da Vitória. Essa é a região dos mais importantes casarões ecléticos de Salvador, construídos no final do século 19 e início do 20, muitos deles hoje transformados em museus, como o Museu de Arte da Bahia e o Museu Costa Pinto. Próxima à praia, chega-se na região subindo o espigão da parte alta da cidade pela ladeira da Barra. Antigamente, o palacete oferecia uma espetacular vista do mar, mas um edifício residencial de alto padrão na parte posterior do terreno impede hoje a visão.

A partir da necessidade de uma edícula que funcionasse como depósito, o escritório Brasil Arquitetura projetou um anexo de 1,5 mil m², a mesma área do edifício existente. A direção do museu surpreendeu-se, mas a idéia agradou. Enquanto o palacete acomodaria a coleção Rodin, o anexo ofereceria um espaço dinâmico e flexível para exposições temporárias. "Isso vai dar bastante vida ao museu, com novas inaugurações periódicas", avalia Marcelo Ferraz.

Esse novo objeto de concreto aparente, vidro e treliças de madeira localizado na clareira do jardim estabelece um diálogo de igual para



**A PASSARELA ENTRE
TAMBÉM O PRESENTE**



OS DOIS EDIFÍCIOS LIGA O PASSADO

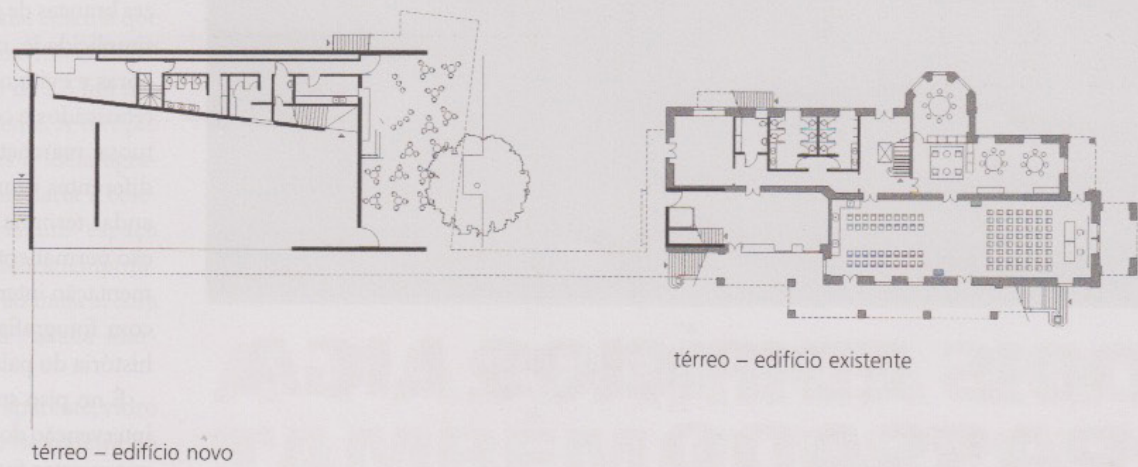
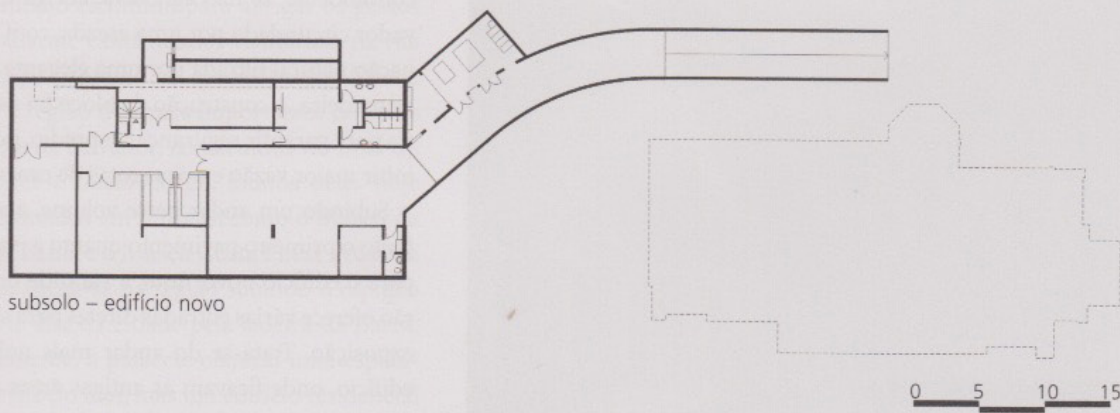
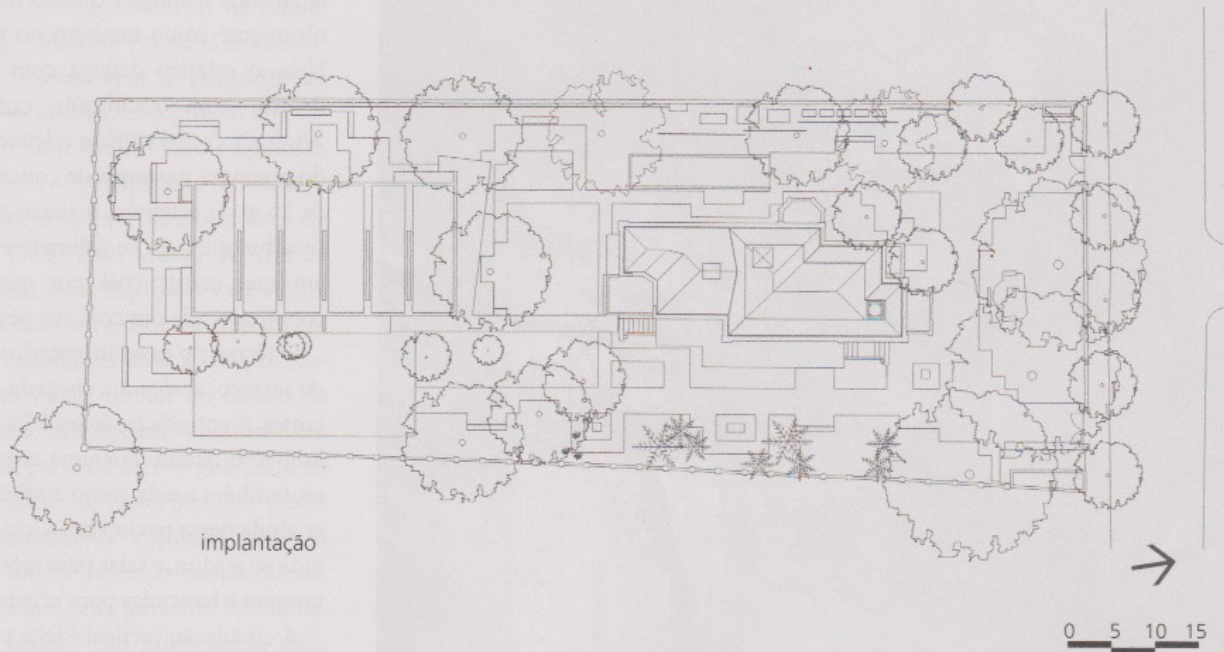
igual entre o antigo e o novo, não só arquitetonicamente como também no uso do espaço. Nele, o estático dialoga com o dinâmico, e Rodin, com escultores contemporâneos. Alinhado com o edifício eclético, ao qual é ligado por uma passarela de concreto protendido de 20 m de extensão, o anexo modernista não se sobrepõe nem se submete a ele. Separados em suas construções por quase um século, convivem cada um com sua personalidade.

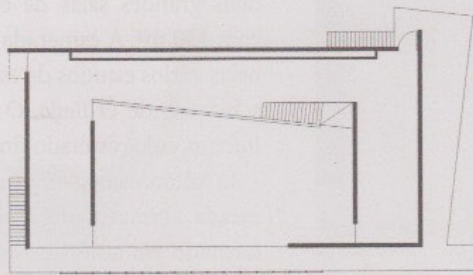
O térreo do casarão, anteriormente um piso de serviço, abrigará a chegada de grupos visitantes. A entrada pode ser feita tanto pelo acolhimento quanto por uma ampla sala multiuso, também usada como auditório. Destacam-se ainda nesse pavimento a loja do museu, voltada ao jardim, e salas para arte-educação com tanques e bancadas para crianças.

A circulação vertical é feita pela antiga escada de madeira, pelo elevador antigo e por um novo volume de concreto aparente acrescentado na parte posterior do edifício. Essa incursão contundente, se não agressiva, abriga um elevador circundado por uma escada, com iluminação natural filtrada por uma elegante treliça de madeira. A construção do bloco foi necessária para garantir segurança ao prédio, por permitir maior vazão e novas rotas de evacuação.

Subindo um andar nesse volume, acessa-se tanto o primeiro pavimento quanto a passarela para o edifício novo. Aqui, a varanda do casarão oferece várias entradas diretas para salas de exposição. Trata-se do andar mais nobre do edifício, onde ficavam as antigas áreas sociais da residência. As duas salas maiores, anteriormente de estar e de visitas, abrigarão as matrizes brancas de gesso de *O Pensador* e *O Beijo*. A simplicidade na exposição eleva a aura das obras e evita o choque visual com os afrescos rebuscados e com o luxuosíssimo piso, de virtuosa marchetaria com madeiras de lei em diferentes tonalidades. O programa desse andar termina com mais três salas de exposição permanente, um pequeno centro de documentação interno e um interessante memorial, com fotografias e documentos que contam a história do palacete.

É no piso superior que se encontra a maior intervenção dos arquitetos. As paredes dos antigos quartos foram derrubadas para dar lugar a

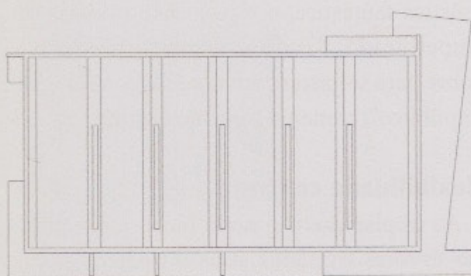




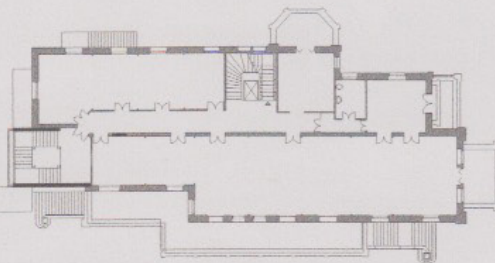
1º pavimento – edifício novo



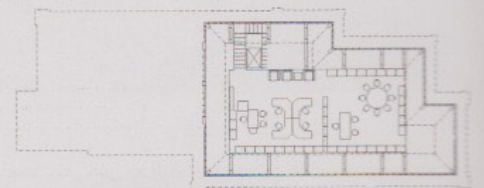
1ª pavimento – edifício existente



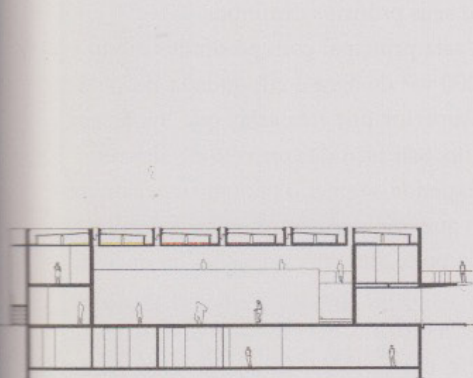
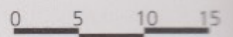
cobertura – edifício novo



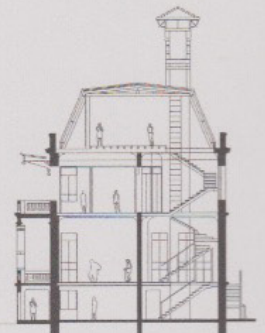
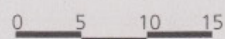
2ª pavimento – edifício existente



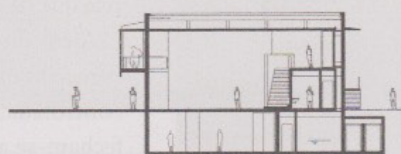
sótão – edifício existente



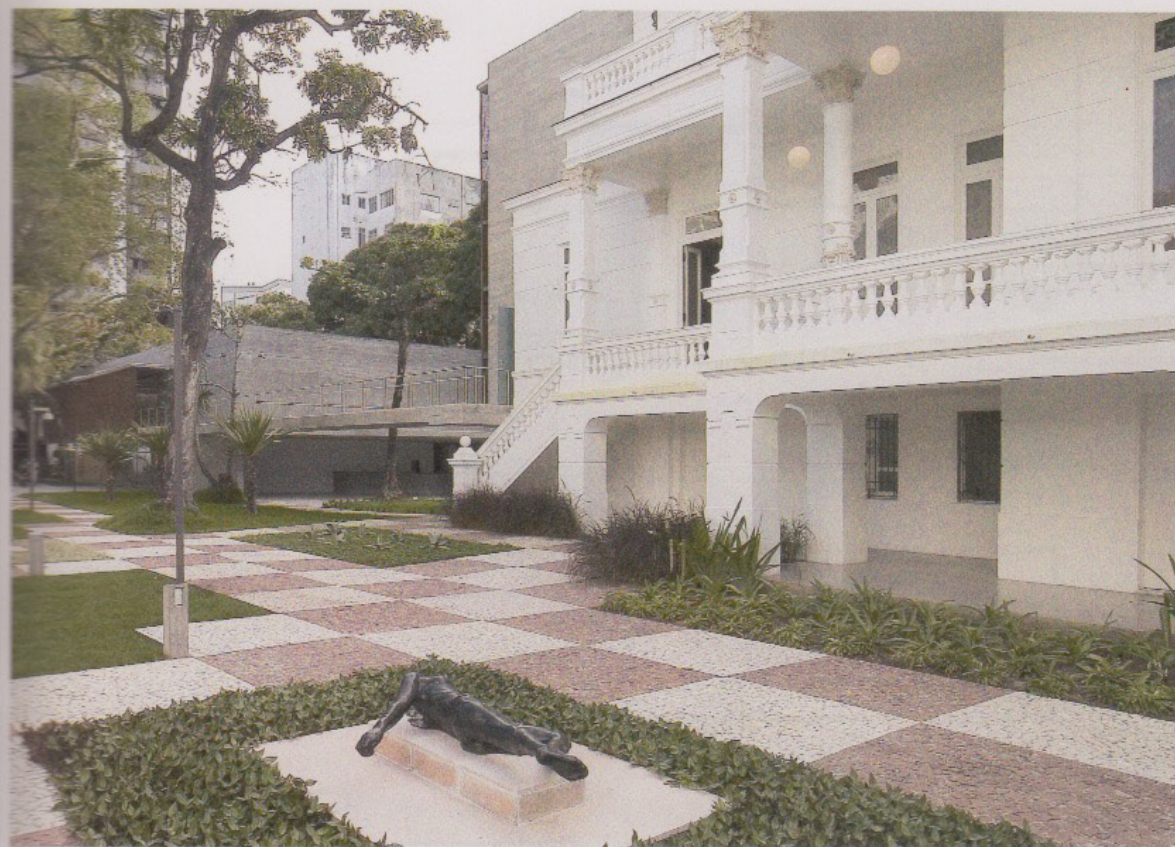
corte longitudinal



corte transversal – edifício existente



corte transversal – edifício novo



duas grandes salas de exposição, uma delas com 150 m². A esmerada curadoria organizou nelas vários estudos de esculturas remontando a história de *O Beijo*, *O Pensador* e *Porta do Inferno*, cujo resultado final é visto da janela.

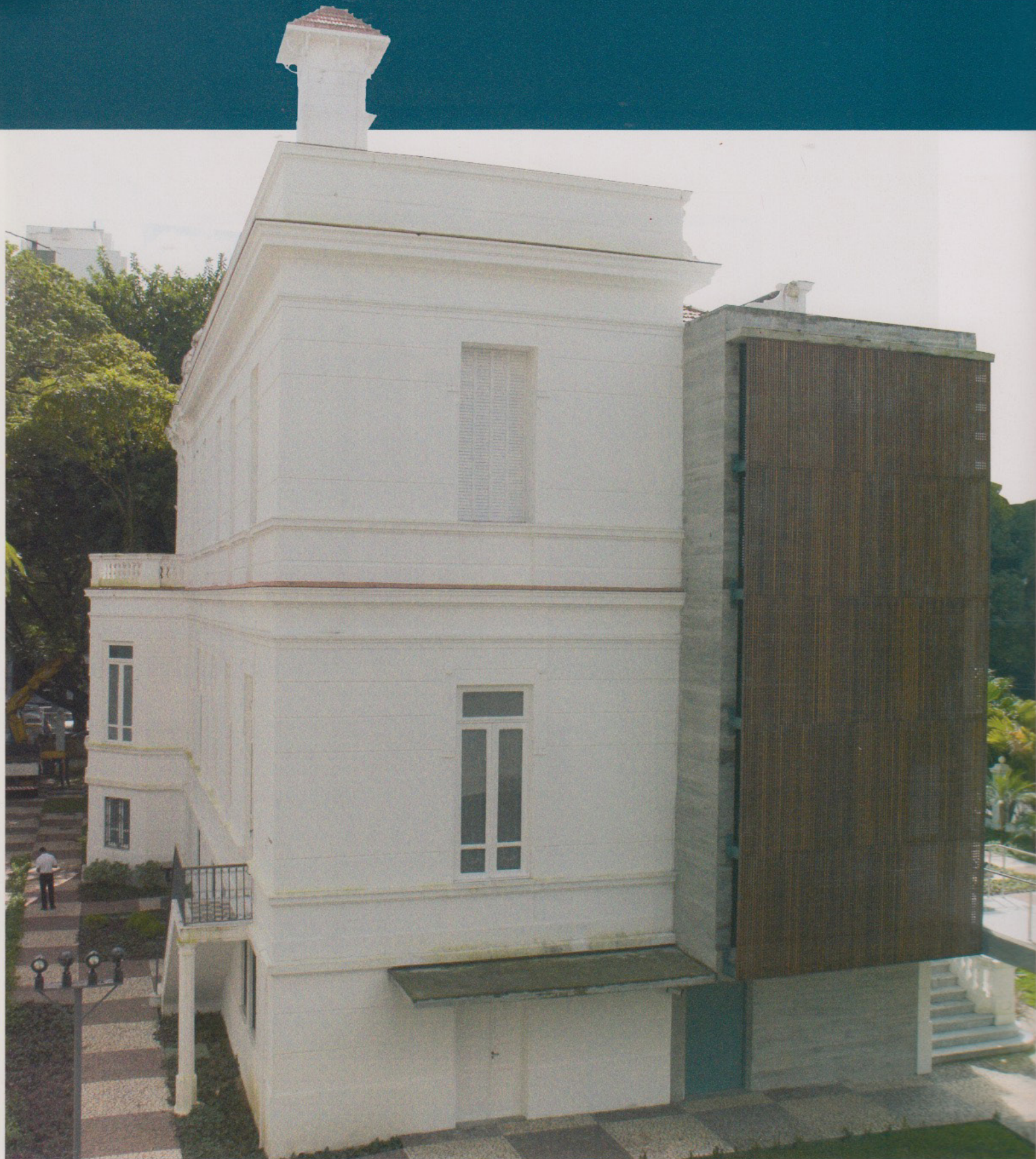
O sótão, acessível por um novo lance de escada acrescentado à existente, seria transformado em administração. No entanto, executada a reforma do ambiente, os arquitetos decidiram torná-lo numa pequena sala de concertos. Com pé-direito de 4,5 m e revestimento de madeira que contribuiu para uma acústica fantástica, o espaço não poderia ser desperdiçado. "Tudo era muito precioso e nobre para se gastar com um espaço sem acesso público", comenta Marcelo Ferraz.

Flexibilidade concreta

Ao implantarem o novo bloco entre grandes árvores frutíferas atrás do palacete, sem visibilidade a partir da rua, os arquitetos mostraram que seu interesse não era competir com o edifício existente, mas sim oferecer de forma inteligente a maior possibilidade de fruição de um ambiente flexível. O resultado é um espaço que, em vez de moldar as exposições que abriga, adapta-se a elas, e, em vez de determinar um trajeto ao visitante, permite criar seus próprios caminhos.

Uma sala principal com pé-direito duplo e quase 200 m² de área é circundada no pavimento superior por três salas que lhe fazem mezanino. Seu piso de concreto de alta resistência expande-se para o pátio no exterior, na área em que originalmente não havia jardim e que hoje pode abrigar exposições ao ar livre. O pano de vidro que separa a sala do pátio pode ser removido, quebrando a divisão entre interior e exterior. Há ainda um café ao ar livre, que conta com uma cozinha de apoio. Para diversificar a fruição do espaço, o acesso ao mezanino em U é feito pelo interior do prédio, por seus fundos, pelo café ou pela passarela que dá acesso ao casarão.

Além da temperatura e da umidade, também a iluminação natural do edifício pode ser controlada. Para se obter um black-out, fecham-se as haletas por onde entra luz zenital e se veste o grande pano de vidro com painéis no caixilho.



Na página ao lado, vistas do casarão eclético e de seu anexo moderno, construído com concreto aparente, vidro e treliça de madeira. A foto acima mostra o novo volume de concreto acrescentado ao casarão para instalação de um elevador. Embora radical, a intervenção foi necessária para melhorar a circulação vertical do museu



SOMENTE O NECESSÁRIO

Há aproximadamente dez anos já havia sido feita uma restauração do casarão Comendador Catharino, num acordo em que a parte posterior do terreno foi cedida para a construção de um edifício residencial de alto padrão. No entanto, quando recebeu o prédio para adaptá-lo ao novo uso, o escritório Brasil Arquitetura precisou produzir um relatório de restauro colossal, tamanhas eram suas patologias.

Para adequar um edifício residencial às necessidades de um museu de uso contemporâneo foi essencial demolir paredes internas e criar espaços amplos. A permissão só foi dada após longas discussões com o Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia. Ainda assim, a memória arquitetônica da casa foi preservada no piso e no forro de

cada quarto, onde permanecem indícios da existência das antigas paredes.

Como o casarão eclético não tem uma grande importância do ponto de vista da arquitetura como técnica e desenvolvimento pioneiro, Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci buscaram não valorizar certos elementos decorativos externos.

Pintaram as paredes externas de branco, eliminando tudo o que fosse "falso". Já os afrescos das salas principais e os pisos de pastilha e de marchetaria foram conservados. Todas as pequenas peças de madeira do sofisticado piso foram numeradas, retiradas e restauradas individualmente, para depois serem recolocadas no lugar original exato, num trabalho de paciência monástica.

Por abrigar peças de gesso, que se deteriorariam facilmente com o clima

úmido de Salvador, foi instalado um sistema de monitoramento de temperatura e umidade do ar que envia informações para a sede do museu em Paris por satélite. "O prédio precisava ser uma máquina de eficiência", comenta Francisco Fanucci.

Mas a máquina de eficiência precisava de tubulações que o edifício centenário não oferecia. Para manter sua discrição, foi necessário construir um "sistema nervoso" externo, fresando o revestimento para embutir nas paredes a tubulação elétrica, de combate a incêndio, de água gelada e dos sprinklers. O corte que deveria ser simples tornou-se um desafio: as paredes de alvenaria engrossavam conforme desciam, até chegar a resistentes blocos de pedra no primeiro pavimento.



Acima, uma das salas do piso superior, o mais nobre da residência, onde ficavam as áreas sociais. As matrizes de gesso de *O Pensador* e *O Beijo* serão expostas nesses ambientes. Na outra página, área dos antigos quartos, cujas paredes foram derrubadas para dar lugar a duas grandes salas de exposição, uma delas com 150 m²



Acima, vista interna do volume de concreto acrescido ao casarão para concentrar parte da circulação vertical do museu. Na outra página, o interior do anexo. Flexível, o ambiente foi pensado para adaptar-se às exposições e permitir ao visitante que trace seus próprios trajetos

ARQUITETURA ENGENHOSA

Marcelo Ferraz faz questão de salientar o mérito dos engenheiros calculistas da Bahia para a execução do detalhe mais desafiador do projeto: a passarela que liga os dois edifícios. Os arquitetos queriam uma passarela elegante, delgada, e que formasse um vão livre de quase 20 m, sem apoio. Isso foi um grande desafio. Com apenas 30 cm de espessura, a lâmina de concreto protendido simplesmente se apóia numa pequena laje que sai do novo volume de concreto aparente incrustado no edifício antigo. Esse bloco, no entanto, não se apóia no chão, mas está preso às laterais dentro da casa. É uma estrutura extremamente sofisticada, pois se apóia em um lugar que, por sua vez, já vem de um balanço. "É uma estrutura com uma transição e uma transição da transição", comenta Marcelo Ferraz.

Mas a importância dessa estrutura valeu o desafio. Ela é central não apenas para a circulação entre os edifícios, como também para a observação do acervo. Uma extensão de 30 m permite observar o mezanino do volume novo. Outra extensão, acima do café, forma um púlpito de 3,2 m de altura de onde se aprecia a escultura *Porta do Inferno*. Obra máxima de Rodin, à qual se dedicou durante vinte anos até sua morte, esse bronze de 6 m de altura é tão monumental que seus detalhes superiores não podem ser enxergados a partir do chão. Na capital baiana, a partir desse púlpito, será oferecida uma visão à meia-altura impossível nos demais lugares onde suas cópias são expostas – França, Japão e Estados Unidos.



Como se trata de um museu com um acervo muito pequeno, é reduzido o espaço destinado à reserva técnica, localizada no subsolo. No mesmo andar, encontra-se toda a infra-estrutura do edifício.

Jardim tropical

"Quem visita o Museu Rodin de Paris talvez volte com o jardim na cabeça de maneira tão forte quanto as esculturas", arrisca Marcelo Ferraz. O paisagista Raul Pereira aproveitou as mangueiras, caramboleiras e palmeiras existentes no terreno do casarão Comendador Catharino para fazer um jardim tropical que pudesse oferecer a mesma experiência, principalmente para as crianças, que estão entre seus principais visitantes.

Em contraste ao preciso alinhamento entre os dois volumes construídos, as árvores plantadas pelo antigo proprietário são dispostas desordenadamente. O paisagismo escolhido buscou racionalizar esse espaço, com piso em placas quadradas de mosaico branco e verme-

lho que ordenam os novos caminhos, seja o trajeto de um carro para deixar um visitante em frente ao museu, seja o de crianças que exploram livremente o terreno.

DADOS TÉCNICOS:

Área do terreno: 4.850 m²

Área construída: edifício existente: 1.575 m² + edifício novo: 1.480 m²

Localização: Salvador, Bahia

Projeto: 2002

Obras: de 2003 a 2006

FICHA TÉCNICA:

Arquitetura: Brasil Arquitetura – Francisco Fanucci e Marcelo Ferraz (autores), Cícero Ferraz Cruz (colaborador), Albert Sugai, Bruno Levy, Gabriel R. Grinspum, Rodrigo Izcson Carvalho

Projeto de Restauro: Brasil Arquitetura
Coordenação de projetos e obra: Gabriel Gonsalves, Jorge Halla, Cláudia Nolasco

Construtora: Consórcio Fertenge Pentágono –

Bruno Meneses (obra civil) e Renato Leal (restauro)

Paisagismo: Raul Pereira

Luminotécnica: Reka Iluminação – Ricardo Heder

Estrutura e fundações: Sistema – Wanderlan Paes e Carlos Rezende

Elétrica e hidráulica: Thales de Azevedo

Ar-condicionado: José Rebouças e Hitachi

Ar-condicionado

Automação e sistema de Controle: Procontrol

Combate a incêndio: Carlos Diniz

FORNECEDORES:

Pastilhas de vidro: Vidrotil; *tintas:* Coral;

metais e louças: Deca; *cerâmicas e azulejos:*

Eliane; *tubos, conexões e eletrodutos:* Tigre;

elevador: Schindler; *aço e grade:* Belgo

Mineira; *manta e produtos para*

impermeabilização: Betumat

*Veja endereços no final da revista